

# A crise das ideologias\*

Entrevista com DOMENICO LOSURDO

*A ideologia é um projeto teórico que possui um esquema e pressupostos bem definidos. No momento em que se tenta aplicar uma ideologia no plano real é preciso levar em conta a realidade histórica. É necessária uma mediação entre teoria e prática? A mediação pode provocar a crise da ideologia?*

O tema da crise das ideologias, que parece muito moderno, na realidade acompanha toda a história do pensamento contemporâneo. Pensemos, por exemplo, no positivismo, em Comte, que declara estar no fim a época da filosofia negativa, isto é, a época das ideologias, e está por iniciar a época positiva, a época da ciência positiva. Quando se fala de crise das ideologias nós podemos observar que é sobretudo o marxismo a ser colocado em discussão. Isso é um paradoxo. O paradoxo é que na realidade o marxismo pretendia se apresentar como o fim das ideologias, pretendia ser um discurso científico que ia acabar com as ideologias dos adversários. Hoje, ao contrário, podemos assumir o conceito de “ideologia” em um sentido diferente: um projeto que não sabe ajustar contas com a realidade, um projeto que em seu dogmatismo, em seu esquematismo, não sabe dar conta da peculiaridade, da historicidade de cada situação. Essa ideologia está sempre destinada a entrar em crise, mas não penso que se trate de um fenômeno novo. Podemos nos colocar a pergunta: as ideologias realmente acabaram? Em que consistiria o recorte, a novidade radical que se teria verificado? Por que, efetivamente, nós, hoje, deveríamos falar de crise ou de fim das ideologias?

*Hoje, existe um novo modo de fazer política. Faz-se política olhando a cada dia, escolhendo uma estratégia política diversa, enquanto, no passado, era preciso seguir a ideologia. O novo modo de fazer política é melhor ou é simplesmente uma crise de qualquer valor também na política?*

Parece-me que, segundo sua opinião, a novidade da situação atual seria esta: uma atitude mais pragmática teria tomado o lugar de programas onicompreensivos, pensados para um período histórico longo. Por exemplo, o filósofo contemporâneo

Lyotard fala do “fim das grandes narrativas”: não existiriam mais as grandes narrativas, isto é, os projetos ambiciosos de transformação do mundo, mas existiria o pragmatismo. Eu respondo ainda com uma pergunta: esse diagnóstico corresponde realmente à realidade? Consideremos o país hegemônico do Ocidente, os Estados Unidos. Você sabe que este país, com Reagan, venceu a Guerra Fria com a palavra de ordem “A luta do império do bem contra o império do mal”. Isto é uma grande história, uma grande narrativa, não somente uma ideologia, é até uma teologia no sentido explícito do termo. De novo surge a pergunta: existe realmente esse pragmatismo? Ou, ao contrário, esse pragmatismo é simplesmente a forma de se apresentar de uma ideologia que quer mostrar uma aparência científica? Efetivamente penso que nós temos que fazer um esforço para não considerar como líquidas e certas determinadas coisas, temos que continuar a refletir.

*Tem-se falado de utopia e de comunismo. O afastamento da utopia pode ser definido como um passo à frente, em direção a uma visão da vida mais concreta?*

Se por utopia se entende um programa claramente separado da realidade é preciso saber renunciar tanto à utopia como à ideologia. Minha objeção é esta: nós não podemos confiar acriticamente em um estudioso ou em um político que diga: “Eu sou contra as ideologias, vocês são os ideólogos. Eu sou contra a utopia, vocês são os utopistas.” Por definição, este é um discurso dogmático, porque pede que se acredite nele com base na palavra, enquanto que nós, ao contrário, cada vez mais, devemos ver se neste discurso, nesta afirmação, há um elemento de realidade e um elemento de rigor.

*A crise das ideologias leva a um menor envolvimento da opinião pública com relação à política real e concreta de cada país?*

Efetivamente, hoje existe um menor envolvimento na vida pública, na luta política. Desse ponto de vista, eu penso que uma afirmação como esta é verdadeira, mas com uma limitação: que diz respeito ao Ocidente. No Ocidente, uma vez que os projetos das grandes transformações sociais acabaram, o interesse, certamente, é sempre menor. Mas se nós vamos, por exemplo, para o Oriente Médio, não se pode certa-

\* Entrevista traduzida via Internet, site RAI Educational (Istituto per gli Studi Filosofici/Istituto della Enciclopedia Italiana). Tradução de Giovanni Menegóz.



mente dizer que não existe um grande envolvimento emotivo. Portanto, mais uma vez se trata de ver caso a caso. Eu sou céptico com relação a essas palavras de ordem que querem ser de caráter geral.

*Utopia e comunismo: qual é a verdadeira relação entre estas duas palavras?*

Também aqui eu faria uma distinção. Você sabe o que Marx entende por comunismo? Marx entende por comunismo o fim não somente de qualquer conflito de classe, mas também, por exemplo, a extinção do Estado. Deste ponto de vista, parece quase uma espécie de fim da história, de fim do conflito. Pessoalmente acho que se trata de uma utopia: não penso que se possa pensar numa extinção do Estado. Não acredito que possa existir uma sociedade que não seja organizada através do Estado, porém, em um certo sentido, esta é a história de todas as revoluções. Todas as revoluções procedem desta maneira: enunciam objetivos talvez ambiciosos e diferentes daqueles que realizam. Por exemplo, a Revolução Francesa, com os jacobinos, queria realizar uma espécie de constituição da *polis* antiga, enquanto que, na realidade, produziu algo diverso. Isso não significa que a Revolução Francesa tenha fracassado. Na realidade, produziu algo diferente dos seus objetivos iniciais e penso que nós deveríamos assumir esta mesma atitude no que diz respeito a todas as revoluções, incluídas aquelas que se verificaram no século XX. É preciso ver a diferença entre projeto inicial e resultados objetivamente conseguidos.

*Qual a relação que existe entre a Revolução Francesa em sua fase jacobina e a Comuna de Paris?*

Nós poderíamos até estabelecer uma linha de continuidade entre a Revolução Francesa (na fase jacobina), Comuna de Paris e movimentos socialista e comunista. Uma certa relação é evidente. O jacobinismo não pode ser pensado sem uma radicalização plebéia dos objetivos da Revolução Francesa. Você sabe também, por exemplo, que Robespierre declara que o direito à vida é o primeiro e o mais essencial direito do homem, e portanto enuncia aqueles que nós hoje chamamos de os direitos econômicos e sociais. A Comuna de Paris se ligou, evidentemente, a esses objetivos, e à Comuna de Paris, depois, se ligaram os movimentos socialista e comunista. De novo voltamos ao tema: essas ideologias faliram? Ou, por exemplo, nós podemos falar de direitos econômicos e sociais, retomando uma palavra de ordem de Robespierre que falava do direito à vida?

O comunismo talvez não tenha sido enfraquecido pelo fim do bloco soviético, porque na URSS o comu-

nismo nunca existiu verdadeiramente, ou seja, o comunismo entendido como abolição do mercado e como apropriação social dos meios de produção, como entendia Marx. Não estou de acordo com quem defende que a teoria de Marx não é mais aplicável aos nossos dias. Respondo que Marx é aplicabilíssimo, sobretudo nestes tempos, porque em 1917 a Ásia não tinha alcançado um grau capitalista, e Marx diz que, para uma revolução mundial do socialismo, serve um capitalismo mundial. Portanto, é sobretudo hoje que talvez o comunismo seja aplicável.

A sua intervenção levanta diversos problemas, todos muito importantes, mas eu acho que se pode afirmar o seguinte: não há dúvida de que quando Marx pensava numa transformação em sentido socialista da sociedade não tinha certamente em mente a Rússia de 1917. Marx pensava num capitalismo maduro e numa situação mais parecida com a que está se verificando em nossos dias, com o triunfo substancial do capitalismo em nível mundial. Este é um aspecto. O outro é a relação que pode existir entre utopia e projeto histórico. Certamente, tudo o que foi realizado no curso da história, por muito tempo apareceu como uma utopia. Isto vale até para a abolição da escravidão. Durante muitos séculos tal abolição apareceu como uma utopia, mas isso não significa, evidentemente, que todas as utopias estão destinadas a se realizar. Se pensarmos na utopia de uma vida imortal para todos os homens, eu não creio que está destinada a se realizar, portanto se trata de ver utopias que podem desempenhar uma função positiva no processo histórico, utopias que podem representar uma evasão e utopias que podem ser negativas. No que diz respeito a Marx, um autor pelo qual tenho muito respeito, penso que efetivamente certos temas são utópicos em sentido acrítico: a tese da extinção do Estado, da extinção do mercado, da extinção da nação, da extinção da religião. Usando uma *boutade*, se poderia dizer que se extinguem coisas em demorado e não se compreende bem de que maneira a história pode continuar com os seus conflitos.

*O senhor disse que o marxismo se apresentou como práxis e como análise científica da realidade e não como ideologia. Se admitirmos que o fascismo foi ativismo, afirmação do valor e da força também como base do direito, e, por causa disso, não ideologia, ou melhor, antiideologia, e se dissermos que nós, hoje, agimos pragmaticamente, no dia-a-dia, sem um projeto de longo prazo, parece que a ideologia não está em nenhum lugar. O que é realmente a ideologia?*



Eu devo imediatamente precisar que, quando dizia que o marxismo se apresentou como o fim das ideologias, eu entendia expressar um juízo crítico sobre esse modo de se apresentar do marxismo, aliás, eu diria da vulgata marxista. Por quê? Porque, segundo minha opinião, é dogmática uma atitude que diz: vocês são os ideólogos, eu, ao invés, não. Por que se deveria acreditar nestas palavras? É dogmática uma atitude que não é capaz de enunciar para si mesma as regras que enuncia para os outros. Ao contrário, é preciso justamente enunciar regras gerais. Para o fascismo o problema se coloca de outra maneira. Com efeito, em alguns componentes do fascismo temos um irracionalismo puro. No fascismo há a celebração irracionalista do soco, do cassetete, do óleo de rícino: há a recusa explícita da comunidade do conceito, da comunidade da razão. Evidentemente que isso não existe no marxismo. Há neste um *pathos* da razão que é suscetível de unir os homens. É claro que temos que distinguir entre ideologia e ideologia. Uma ideologia que desde o início rejeita a verificação da razão, desde o início se coloca como violência, é claro que, desse ponto de vista, é inaceitável. O nazismo se apresentou inicialmente como fim das ideologias. Por quê? Houve a Revolução de Outubro, houve a difusão do marxismo, houve o apelo às colônias para que se rebelassem contra sua opressão; tinha-se iniciado o processo de igualdade entre as raças. Tudo isso, do ponto de vista do nazismo, era “ideologia”. Pensar que fosse possível a igualdade entre brancos e negros, do ponto de vista do nazismo, era ideologia porque significava esquecer a natureza, a “ordem aristocrática da natureza”. Esse fim presumido da ideologia significou muitas vezes o surgimento de ideologias bem mais monstruosas. Fala-se muito de fim da ideologia, mas assistimos, por exemplo, à ascensão bastante preocupante de um movimento (a Liga Norte) que se diz reportar até os celtas, se reportar ao “deus Pó”. Esse movimento diz: “O marxismo, o comunismo, as ideologias estão acabadas”, mas na realidade assistimos ao surgimento de outras ideologias que, muito longe de ser pragmáticas, são ideologias que possuem um componente declaradamente mitológico. A pergunta que vou fazer a você é esta: estamos realmente no tempo em que saramos da doença ou, na realidade, esta pretensão de termos sarado não é ela mesma uma doença?

*Qual é o valor da análise de Nietzsche sobre a crise dos valores e das ideologias?*

Isto nos conduz a um tema muito amplo. É claro que o discurso de Nietzsche é um discurso ideológico que, porém, tem o valor de ter começado a colocar em crise os discursos sobre a filosofia da história. Lyotard decretou o fim das grandes narrativas: antes dele, há a lição de Nietzsche. Nesse sentido, Nietzsche, não obstante seja, segundo minha opinião, um autor profundamente reacionário, pode fornecer indicações muito preciosas.

*Da forma como entendi, o senhor dá um significado negativo ao termo ideologia, enquanto eu, quando penso numa ideologia, penso em algo positivo e construtivo. Portanto, não entendi bem por que o senhor dá um significado negativo a este termo.*

Penso que é a ideologia hoje dominante que, quando fala de crise da ideologia, dá ao termo ideologia um significado negativo. Quando hoje se fala de fim da ideologia, se quer dizer que por um determinado período histórico a humanidade ficou enferma, foi atacada pela peste ideológica e que agora, se não a cura completa, se daria a sua convalescença. Esse é o discurso que é feito hoje. Eu desejo contestá-lo por duas razões filosóficas de fundo. Eu disse que esse discurso é profundamente dogmático porque enxerga a ideologia dos adversários, mas não se submete a uma análise autocrítica, a uma auto-reflexão. Este é o primeiro ponto. O segundo ponto sobre o qual quero chamar sua atenção é que esse discurso absolutamente não é novo, se reporta já ao positivismo. Precisamente no século XX tivemos a irrupção de ideologias particularmente totalizantes e precisamente o positivismo, que pretendia ser o fim das ideologias, deu uma contribuição não insignificante às ideologias mais brutais, porque, por exemplo, o social-darwinismo, o racismo, a partir do fim do século XIX, se desenvolveram tendo presentes algumas temáticas do positivismo. Se eu posso chegar a uma conclusão é que o discurso do fim da ideologia, por uma vertente, é ambíguo, por outra, pode ser muito perigoso porque diminui nossa vigilância crítica com relação a qualquer discurso. E nós, pelo contrário, temos que desenvolver a vigilância crítica com relação a qualquer discurso, tanto com relação àquele discurso que se pretende superior à ideologia, como também com relação ao discurso que se pretende pragmático.

